

## A Técnica de Redação Ancorada e a Dialogicidade de Freire: uma Reflexão Teórica

José Renato Gatto Júnior<sup>1</sup>, Cinira Magali Fortuna<sup>1</sup>, Célia Maria Gomes Labegalini<sup>2</sup>, Raquel Cristina Luis Mincoff<sup>2</sup>, Vanessa Denardi Antoniassi Baldissera<sup>2</sup>, Sonia Maria Villela Bueno<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Brasil. jose.gatto@usp.br; fortuna@eerp.usp.br; smvbeuno@eerp.usp.br.

<sup>2</sup> Departamento de Enfermagem. Universidade de Estadual de Maringá, Brasil. celia-labegalini@hotmail.com; raquel.mincoff@gmail.com; vanessadenardi@hotmail.com.

**Resumo.** Trata-se de texto crítico-reflexivo que verifica a compatibilidade teórico-metodológica da utilização da técnica de redação ancorada e o referencial dialógico freireano, para utilização sobremaneira em pesquisas qualitativas e participativas. Encontra-se como características convergentes os princípios atitudinais, o encontro e a participação, a práxis (ação-reflexão-ação), a conscientização em processo e a tomada de decisão compartilhada, a problematização e a tematização e o desvelamento crítico. Portanto, acredita-se na potencialidade de seu uso para referidas abordagens de pesquisa.

**Palavras-chave:** Pesquisa qualitativa; Redação ancorada; Paulo Freire; Diálogo; Técnica de pesquisa.

### The Anchored Writing Technique and Freire's Dialogicity: A Theoretical Reflection

**Abstract.** It is a critical-reflexive text that verifies the theoretical-methodological compatibility of the use of the anchored writing technique and Freire's dialogic referential, for use in qualitative and participatory researches. The attitudinal principles, the encounter and the participation, the praxis (action-reflection-action), the awareness in process and the shared decision making, the problematization and thematization and the critical unveiling are found as convergent characteristics. Therefore, it is possible to sense the potential of its use for such research approaches.

**Keywords:** Qualitative Research; Anchored Writing Technique; Paulo Freire; Dialogue; Research Technique.

## 1 Introdução

As pesquisas qualitativas e participativas vêm ganhando espaço no meio científico internacional por aproximarem a academia ao universo do participante, contribuindo para a interação da teoria com a prática (Baum, 1995; Cargo & Mercer, 2008; Dias & Gama, 2016).

Os novos olhares das pesquisas qualitativas e participativas sobre o contexto de estudo não se dão somente por novos referenciais científicos teóricos e filosóficos, mas também, pela inserção de instrumentos de coleta de dados desenvolvidos e sensíveis a esse novo olhar, e é nesse contexto que se desenvolve a redação ancorada (Minayo & Zito Guerriero, 2014; Morin, 2004).

Esta técnica de coleta de dados, em seu desenvolvimento, prioriza a participação de todos os envolvidos no estudo, na coleta e análise dos dados, garantindo que as informações, realmente, reflitam os pensamentos e opiniões dos envolvidos (Morin, 2004).

Assim, as técnicas de coleta de dados em pesquisas qualitativas e participativas devem considerar que tudo é construído por alguém, e este é um indivíduo com interesses, ideias e necessidades próprias (Minayo & Zito Guerriero, 2014).

Neste âmbito emerge o diálogo e, sendo foco da participação, a emancipação descrita por Freire pode ser o norteador teórico-filosófico. O diálogo é apontado como capacidade resultante de

processos sócio-histórico entre homens e é por meio dele que ocorre a interação e a reflexão da realidade vivida e praticada. O diálogo, nessa perspectiva emancipatória, leva à transformação dos seres por permitir a crítica e a reflexão coletiva (Freire, 2011, 2014).

Nesse sentido, este trabalho almeja refletir sobre a técnica da redação ancorada como um instrumento dialógico (Freire, 2011, 2014), destacando sua contribuição para o fortalecimento e uso nas pesquisas educacionais de fundo dialógico e emancipatório.

### 1.1 Objetivo

Refletir sobre a utilização da técnica da redação ancorada em pesquisas permeadas pelo referencial dialógico de Paulo Freire.

## 2 Metodologia

Trata-se de uma reflexão teórica sobre a redação ancorada como técnica inovadora de coleta de dados para pesquisa, com especial ênfase para pesquisas participativas sob referencial dialógico.

O primeiro passo consiste em apresentar o delineamento da técnica de redação ancorada (Morin, 2004).

O segundo passo delinea-se na apresentação do referencial dialógico (Freire, 2011, 2014).

O terceiro passo, identificar os elementos convergentes entre a técnica de redação ancorada e o referencial dialógico de Freire.

O quarto passo consiste em traçar algumas proposições de uso desta técnica em pesquisas cujo referencial teórico-metodológico se pautem na dialogicidade freireana.

## 3 Desenvolvimento

### 3.1 Apresentação do Delineamento da Técnica da Redação Ancorada (Morin, 2004)

A redação ancorada é uma técnica de coleta de dados que permite e favorece a participação dos sujeitos. As pesquisas qualitativas e participativas permitem trabalhar com temas sensíveis e polêmicos por estimular a participação das pessoas em todas as fases do estudo, especialmente na definição do tema de pesquisa, visto que o interesse em construir novos olhares e saberes sobre a temática têm íntima relação com a presença dela na vida do grupo estudado (Olsen, 2015).

Nesse contexto, a redação ancorada emerge como técnica de coleta de dados que permite a fala e o envolvimento dos participantes na construção dos dados para o estudo. Trata-se de uma estratégia para estimular o posicionamento das pessoas sobre temas relevantes e atuais, e apresentá-lo de modo coletivo (Morin, 2004).

A redação ancorada pode ser usada para que um grupo defina suas razões e finalidades de existir ou para que este apresente suas opiniões sobre temas e atividades que o mesmo desenvolve (Morin, 2004).

O produto final da redação ancorada é um texto que apresenta as características, os desejos e as expressões do coletivo, representado na forma de editorial. O texto editorial é desenvolvido no meio jornalístico para que os repórteres, em conjunto, discutam e reflitam sobre um tema, permitindo debater as finalidades desse tema, razões de ele ocorrer e, quando possível, modos de amenizá-lo (Morin, 2004). Essas premissas do jornalismo foram adaptadas e tornaram-se uma estratégia de

coleta de dados participativa.

Cabe destacar que o editorial é um estilo de texto que busca formar opinião, especialmente quando se têm evidências diversas, a partir das quais se traçarão novas análises com a finalidade de gerar novas evidências. Por meio dele se busca ir além da análise, chegando a expressar uma opinião que, baseada nas análises de múltiplas evidências, consiga ter certo equilíbrio ou senso de conciliação, especialmente diante de posições conflitantes e posturas controversas (Singh & Singh, 2006).

A fim de viabilizar a técnica de redação ancorada, a mesma é organizada em seis etapas, a saber: contextualização inicial; proposta metodológica; avaliação das perguntas; distribuição dos papéis; exploração, reflexão e avaliação; e proposições e textos (Morin, 2004), esquematizadas e apresentadas a seguir (Figura 1):

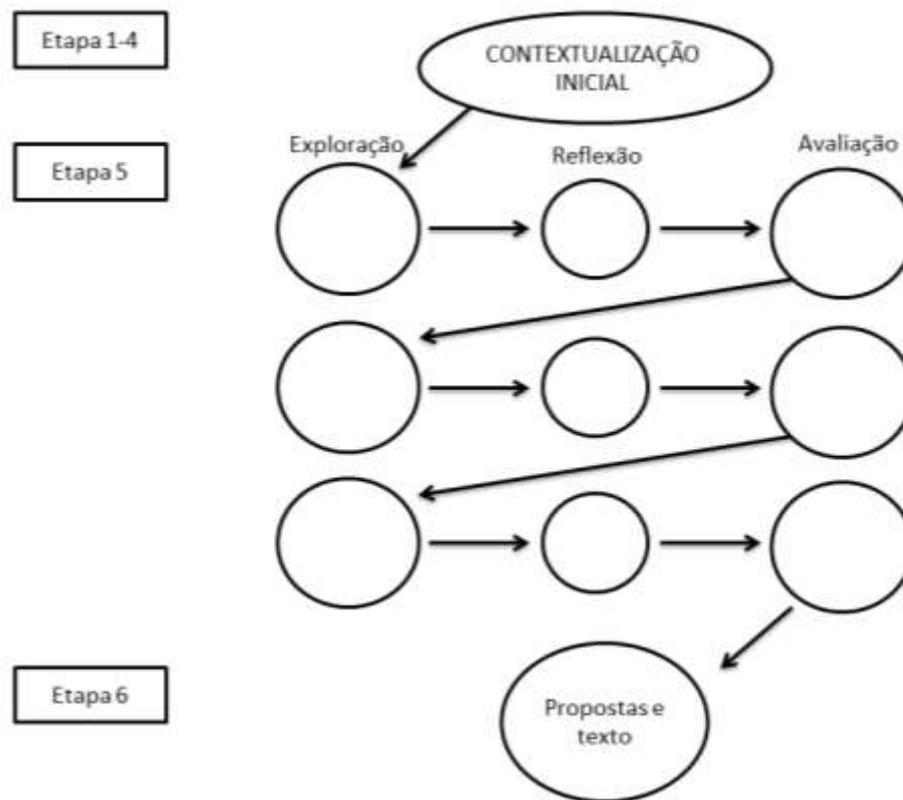


Fig. 1. Fases da redação ancorada. Retirado de Morin (2004, p.14).

Na etapa 1, ocorre a contextualização inicial, esta é desenvolvida pelo âncora - geralmente o pesquisador que propõem o estudo - com a presença de todos os integrantes do grupo, que não deve exceder 15 pessoas. Caso seja o grupo maior, é necessário a presença de mais um âncora e realizar a divisão em 2 grupos (Morin, 2004).

O tema do encontro deve ser, preferencialmente, previamente definido entre os participantes. Contudo, o âncora pode definir o tema e as questões preliminares, mas estes serão debatidos pelo grupo para ciência e concordância de todos. Assim, no primeiro encontro, o âncora deve explicar a finalidade e a *démarch* - características teórico-metodológicas - dessa técnica de coleta de dados. É uma maneira de aproximar os participantes e os pesquisadores, e de conhecer suas ideias sobre o tema em questão, seguindo a abordagem editorial que norteia a elaboração dessa técnica. Nesse

encontro, todos os presentes devem se apresentar - cabe destacar que o nível de profundidade da apresentação depende do vínculo dos envolvidos (Morin, 2004).

Na etapa 2, a proposta metodológica é explicada minuciosamente pelo âncora, bem como o 'cronograma' de coleta de dados, de modo que as pessoas participem do delineamento do estudo, além de conhecerem e concordarem com a perspectiva de trabalho (Morin, 2004).

Na etapa 3, ocorre a avaliação das perguntas, que podem ser trazidas pelo pesquisador ou elaboradas pelos participantes na etapa 2. As questões são revisadas e, se necessário, modificadas até a concordância dos integrantes do grupo. De acordo com o número de questões, se chegará ao número dos ciclos de redação (etapa 5), e estes devem ser realizados até que se cheguem às posições finais do tema (Morin, 2004).

Na etapa 4, ocorre a distribuição dos papéis necessários para o desenvolvimento da redação ancorada, que são: secretários, testemunha, pessoa recurso e âncora. Para isso, o grupo deve designar duas pessoas, nomeadas de secretários, para fazerem anotações sobre cada questão ou ciclo, os quais irão anotar as respostas de cada indivíduo integrante do grupo sobre as questões, podendo-se anotar, também, suas posturas durante as atividades (Morin, 2004).

Para garantir maior fidedignidade aos dados, pode-se elencar um observador participante nomeado de testemunha, que terá como função anotar suas observações sobre a postura dos integrantes do grupo durante as discussões das questões, e também uma pessoa-recurso, que tem como função auxiliar o âncora com materiais e equipamentos (Morin, 2004).

O responsável por desenvolver a discussão é nomeado de editorialista ou âncora, e este deve promover a reunião de modo objetivo, mas demonstrando sua opinião sobre o tema (Morin, 2004). O mesmo acontece durante a redação ancorada. Estes papéis, na medida do possível, devem ser escolhidos pelo grupo.

Na etapa 5, ocorrem os ciclos de redação, compostos pelas fases de exploração, reflexão e avaliação dos dados. Devem ser desenvolvidos três ciclos de redação para cada questão, de forma metodologicamente idêntica, ou seja, cada ciclo terá uma etapa de exploração, de reflexão e de avaliação, repetida três vezes. O grupo mantém-se unido nas fases de exploração e avaliação. A etapa de reflexão é realizada somente pelo âncora (editorialista), observador participante (testemunha) e a pessoa-recurso ou apenas pelo âncora (editorialista) e alguns participantes, os secretários e demais membros do grupo não participam desse momento (Morin, 2004). As fases da etapa 5 estão descritas a seguir.

Na fase de exploração, o grupo deve discutir de modo profundo e minucioso a questão. Para isso, deve dar a ela um título, organizar as ideias a respeito da mesma, avaliar, comparar e realizar uma proposta. Por isso, esta é a etapa mais demorada da técnica de redação ancorada. Deste modo, deve ser destinado mais tempo para sua realização, pelo menos o dobro do tempo da reflexão. Nessa fase, o secretário deve anotar todos os acontecimentos do grupo, o âncora deve buscar interiormente experiências, teorias e/ou informações sobre o tema em debate a fim de estimular os diálogos (Morin, 2004).

Na fase de reflexão, os participantes saem da sala e apenas as pessoas com papéis definidos - âncoras, pessoa-recurso e observador participante - se reúnem, caso os grupos não tenham escolhidos papéis específicos e todos tenham participado da mesma forma do encontro dois ou três participantes devem ser escolhidos e, junto com os âncoras, farão suas reflexões. Este 'subgrupo' deve preparar os editoriais na forma escrita ou oral, como preferirem. A escrita deve ser iniciada de modo compartilhado e em seguida de forma individual. Os âncoras podem pedir auxílio às pessoas-recurso nesse momento de estruturação do texto e da apresentação. Para o desenvolvimento dessa fase, deve-se ter um tempo livre entre as reuniões das fases de exploração e avaliação (Morin, 2004). A última fase do ciclo de redação é a de avaliação, esta é realizada pelo grupo todo. Nesse momento,

cada âncora expressa sua opinião e seu ponto de vista sobre o tema e as discussões realizadas, cabendo ao grupo aceitar o que está sendo expresso, corrigir os pontos necessários ou rejeitar o texto e sua análise, propondo um novo texto. O texto final desse encontro é a versão definitiva das opiniões do grupo acerca da temática, em que estão contidas as proposições (Morin, 2004). As proposições são propostas, passíveis de aceite e de discussão (MICHAELIS, 2009).

Na etapa 6, os textos com os dados e as análises são debatidos em plenária por todos os integrantes do grupo. A plenária é uma assembleia ou reunião realizada, geralmente, com grande número de participantes, com o foco de discutir e resolver questões relacionadas ao grupo (MICHAELIS, 2009). Na redação ancorada, a plenária destina-se à revisão e adoção do texto e das proposições definitivas. Destaca-se que ela ocorre somente após a finalização dos 3 ciclos de redação, constituindo a última etapa da técnica (Morin, 2004).

### 3.2 Apresentação do Referencial Dialógico de Freire

O “diálogo” é uma categoria de suporte ao referencial emancipatório freireano, e ele tem dois indicadores, a “palavra” e a “conscientização”. A palavra no diálogo freireano, é uma palavra verdadeira, baseada no amor, no respeito, na humildade, na esperança, na fé, na confiança. É uma palavra que não está desvinculada da práxis (ação-reflexão) e é, por isso, direito do ser humano pronunciá-la. Dessa maneira, o diálogo verdadeiro pressupõe o encontro de interlocutores, que vivenciam uma educação libertadora (Freire, 2011, 2014).

Neste sentido, o diálogo verdadeiro se pauta na conscientização, movimento pelo qual os seres humanos se debruçam de forma crítico-reflexiva para conhecer os limites a sua emancipação enquanto ser humano, porque a existência humana não pode ser muda, silenciosa. Segundo o autor, ela tem que ser dialógica e transformadora a partir da busca constante dos significados, criando-os e recriando-os, de forma inacabada (Freire, 2011, 2014).

Dessa forma, o diálogo se dá pelo encontro das pessoas dispostas a compartilhar seus saberes e visões e construir em conjunto conhecimento e transformação de práticas. Para isso, é necessário compreender as pessoas como indivíduos únicos, com saberes, práticas, experiências distintas, e essa diversidade enriquece os debates e as pesquisas, permitindo conhecer com profundidade os objetos de estudo. O diálogo permite que as pessoas conheçam e reconheçam seu mundo e como agem sobre ele e com ele (Freire, 2011, 2014).

Metodologicamente, Freire anunciava que a palavra, para ser autêntica, deveria emergir de um diálogo igualmente autêntico. Para isso, descreveu uma sistemática teórica, conceitual e metodológica que aponta a definição de situações-limites e atos-limites como elementos cruciais ao pesquisador-educador dialógico. Segundo o autor, situações-limites devem ser encontradas pelo pesquisador-educador como sendo aquelas situações cotidianas, do mundo real vivido, que sinalizam as dificuldades para o ‘ser- mais’; são as reais opressões que influenciam os seus atos-limites, ou seja, que influenciam o ‘fazer’ cotidiano (Freire, 2011, 2014).

O ‘ser’ e o ‘fazer’, para Freire estão, filosoficamente, ancorados no materialismo histórico-dialético e, por isso, não se separam, enaltecendo o ser social. Por isso, a realidade é mutável, fruto da práxis, ou seja, da ação-reflexão-ação que é suscetível às transformações constantes. Tanto que o autor não se refere às situações e aos atos-limites como condicionantes do homem, mas determinantes, por acreditar que o ser social determina quem ele é e o que ele faz, mas jamais o condiciona, visto seu inacabamento; é o encontro com o outro, com seus mundos e seus valores, e somente por esse meio, que o mundo se transforma a partir da transformação do ‘eu’ interior que se faz pelo ‘eu’ social (Freire, 2011, 2014).

A compreensão das situações-limites e atos-limites levará o pesquisador-educador a definir o

universo vocabular - que representa as palavras que encobrem suas percepções de mundo - e, nesse, eleger os temas geradores - que são os principais temas que permitiriam o ‘inédito viável’ no sentido de superar as situações e atos limites. Isto posto, cabe ao pesquisador-educador dialogar com os envolvidos para definir o conteúdo programático do diálogo que seguirá para a superação de suas situações e atos-limites. Esse percurso só se faz por meio do diálogo e Freire chamou essa etapa de investigação temática. Definidos os temas geradores, eles serão codificados em situações reais para que dele os envolvidos tomem consciência e, depois, serão decodificados, permitindo que deles os participantes reflitam, permeados pelo diálogo. Essa fase de codificação e decodificação Freire denominou de tematização. Por fim, no processo de diálogo autêntico, o mundo codificado e decodificado passará ao desvelamento crítico, quando os participantes envolvidos serão capazes de transformar seu mundo porque já estão transformados pela consciência crítica que dele possuem (Freire, 2014).

Embora Freire tenha desenvolvido esse método efetivo para a alfabetização de adultos, o seu formato - tão relevante para o encontro autêntico de mundos e saberes diferentes que existe em cada um dos pronunciados e que é capaz de emancipá-los - ganhou adeptos e seguidores em diversas áreas para além da original. Desde então, diversas têm sido as aplicações, especialmente na área da saúde (Cardoso, 2012; Carneiro et al., 2012), dentre outros, cuja demanda de educação em saúde e permanente carecem de similar apropriação do diálogo como forma de emancipação, opondo-se à qualquer forma de opressão pronunciada.

### 3.3 Apresentação dos Elementos Convergentes entre a Técnica de Redação Acorada e o Referencial Dialógico de Freire

Os elementos que apresentam a convergência entre a técnica de redação ancorada e o referencial dialógico de Freire estão esquematizadas no quadro a seguir:

**Quadro 1** - Quadro analítico - técnica de redação ancorada e referencial dialógico freireano.

Etapas da técnica de redação ancorada	Possível correspondência com referencial freireano	Pontos-chave encontrados
ETAPA 1	No diálogo freireano a ‘palavra verdadeira’ se baseia no amor, no respeito, na humildade, na esperança, na fé, na confiança. Dessa forma, a palavra não está desvinculada da práxis (ação-reflexão) e é, por isso, direito do ser humano pronunciá-la. Assim, o diálogo verdadeiro pressupõe o encontro de interlocutores, que vivenciam uma educação libertadora. Permitir o diálogo autêntico, como forma de aproximar saberes, para emergir situações-limites e atos limites que levarão ao anúncio de temas geradores (Freire, 2011, 2014).	Princípios atitudinais: amor, respeito, humildade, esperança, fé, confiança.
ETAPA 2		Encontro e Participação
ETAPA 3		Práxis (reflexão e ação)
ETAPA 4		
ETAPA 5	O diálogo verdadeiro se pauta na conscientização, movimento pelo qual os seres humanos se debruçam de forma crítico-reflexiva para conhecer os limites a sua emancipação enquanto ser humano, porque a existência humana não pode ser muda, silenciosa. Segundo Freire, ela tem que ser dialógica e transformadora a partir da	Conscientização em processo e tomada de decisão compartilhada

ETAPA 6	busca constante dos significados, criando-os e recriando-os, de forma inacabada (Freire, 2011, 2014).	
	A compreensão das situações-limites e atos-limites levará o pesquisador-educador a definir o universo vocabular - que representa as palavras que encobrem suas percepções de mundo - e, nesse, eleger os temas geradores - que são os principais temas que permitiriam o 'inérito viável' no sentido de superar as situações e atos limites. Isso posto, cabe ao pesquisador-educador dialogar com os envolvidos para definir o conteúdo programático do diálogo que seguirá para a superação de suas situações e atos-limites. Esse percurso só se faz por meio do diálogo e Freire chamou essa etapa de investigação temática. Definidos os temas geradores, eles serão codificados em situações reais para que dele os envolvidos tomem consciência e, depois, serão descodificados, permitindo que deles os participantes reflitam, permeados pelo diálogo (Freire, 2014).	Problematização e tematização
	No processo de diálogo autêntico, o mundo codificado e descodificado passará ao desvelamento crítico, quando os participantes envolvidos serão capazes de transformar seu mundo porque já estão transformados pela consciência crítica que dele possuem (Freire, 2014).	Desvelamento Crítico

Quando se aproxima o olhar sobre esta técnica de redação ancorada e se busca coerência com o referencial dialógico freireano, é possível destacar algumas características marcantes da técnica que já possuem potencial para uso da dialogicidade freireana, mas também há alguns apontamentos que podem ser ajustados para tomarem um tom freireano na abordagem.

#### 4 Discussão

Percebem-se possíveis aproximações entre a técnica de redação ancorada e o referencial dialógico de Freire, quanto aos princípios atitudinais (amor, respeito, humildade, esperança, fé, confiança), ao encontro, à participação, à práxis (ação-reflexão-ação), à conscientização em processo e à tomada de decisão compartilhada, à problematização e tematização e ao desvelamento crítico.

Dessa forma, percebe-se potencial de se aplicar a técnica de redação ancorada embasada no referencial dialógico freireano, a partir dos princípios atitudinais trazidos por Freire, tais como o amor, o respeito, a humildade, a esperança, a fé, a confiança, os quais dão tom às abordagens ao longo do uso da técnica, mas com mais ênfase para o momento de encontro da primeira etapa. Ambas (a técnica e a dialogicidade freireana) têm como finalidade última a aproximação dos participantes.

Outro ponto, é o encontro de interlocutores por meio do diálogo verdadeiro, em que cada indivíduo possa se expressar e ser realmente ouvido e se sentir verdadeiro partícipe do processo, o que é crucial na dialogicidade freireana. Neste sentido, percebe-se que a técnica em si, tem preocupação substancial com essa participação, por meio do encontro entre os indivíduos, o que aproxima em

mais um aspecto essas duas perspectivas.

Na perspectiva dialógica de Freire, a palavra está intimamente relacionada com o fazer (pensar-fazer, ação-reflexão-ação). Assim, na técnica, percebe-se preocupação com que a participação e os temas tenham coerência quanto a autor e contexto, ou seja, os autores fazem parte do contexto do qual emergem os temas, demonstrando que os participantes procuram pronunciar seu contexto e sua palavra, por meio desta técnica. Esta característica também mostra coerência com a perspectiva freireana.

A técnica parece demonstrar preocupação com esse movimento de explorar, refletir e avaliar, com maioria dos passos realizados entre todos os participantes, o que viabiliza a conscientização em processo dos envolvidos, de forma que todos se aprofundem mais no universo de significações produzidas por cada indivíduo e referendado pela coletividade, com tomadas de decisões que partem do coletivo.

A práxis historicamente na tradição latino-americana da pesquisa participante remete ao sentido de reflexão-ação. O ser humano se utiliza da práxis no sentido de aperfeiçoar a sua prática e ir além à construção de um projeto de seu destino (Streck, 2016). Para tanto, utiliza-se dos recursos atitudinais como etapa disparadora das ações que, posteriormente, gerarão os encontros permeados por comunicação eficaz e que podem estimular a participação do indivíduo no universo.

Práticas participativas se pautam em garantir a participação ativa nos grupos sociais, buscando tomadas de decisões que visem a transformação social, do envolvimento dos indivíduos no processo de analisar a sua práxis (Toledo & Jacobi, 2012).

O objetivo maior desse processo proposto por Freire (2014) trata exatamente de que os envolvidos consigam alcançar o desvelamento crítico necessário para a implementação de atitudes e ações que promovam ou atuem na direção das necessárias transformações abstraídas pelos participantes durante o processo (Freire, 2014).

É importante destacar que, embora o referencial de Freire seja, por natureza, aberto ao diálogo, por vezes pesquisadores carecem de técnicas que assegurem a dialogicidade no processo educativo e investigativo, de forma efetivamente participativa. Sendo assim, muito embora os círculos de cultura propostos por Freire sejam formas de efetivar o encontro autêntico entre as pessoas no processo de ensino-aprendizagem (Linhares, Pontes, & Osório, 2014) e, neste caso, em espaços de investigação científica com metodologias participativas, propiciando o diálogo, a participação, o respeito e o trabalho em grupo (Dalmolin, Denardin, & Medeiros, 2015), existe, ainda, abertura para sua realização por meio de distintas técnicas, tal qual apoiamos a redação ancorada (Morin, 2004).

## 5 Considerações Finais

A técnica de redação ancorada pode ser uma ferramenta promotora da dialogicidade em sua constituição, devido à sua dinamicidade de execução. Percebemos possibilidades de articulação com o referencial dialógico de Freire, por meio de algumas características fundamentais, relacionadas a princípios atitudinais, ao encontro e à participação, à práxis (ação-reflexão-ação), à conscientização em processo e à tomada de decisão compartilhada, à problematização e a tematização e ao desvelamento crítico. Dessa maneira, a técnica parece contemplar a maioria dos elementos essenciais do referencial dialógico de Freire, tratando-se, pois, de uma ferramenta relevante para o

uso em pesquisas qualitativas e participativas, especialmente aquelas com referencial dialógico freireano.

## Referências

- Baum, F. (1995). Researching public health: behind the qualitative-quantitative methodological debate. *Soc Sci Med*, 40(4), 459-468.
- Cardoso, I. M. (2012). "Rodas de educação permanente" na atenção básica de saúde: analisando contribuições. *Saúde e Sociedade*, 21, 18-28.
- Cargo, M., & Mercer, S. L. (2008). The value and challenges of participatory research: strengthening its practice. *Annu Rev Public Health*, 29, 325-350. doi:10.1146/annurev.publhealth.29.091307.083824
- Carneiro, A. C. L. L., Souza, V. d., Godinho, L. K., Faria, I. C. M. d., Silva, K. L., & Gazzinelli, M. F. (2012). Educação para a promoção da saúde no contexto da atenção primária. *Revista Panamericana de Salud Pública*, 31, 115-120.
- Dalmolin, V., Denardin, É. S., & Medeiros, F. S. B. (2015). Clima organizacional: o caso de uma cooperativa da região fronteira oeste do Rio Grande do Sul. *Revista de Gestão e Organizações Cooperativas*, 2(3), 55-70. doi:10.5902/2359043217708
- Dias, S., & Gama, A. (2016). Contributos da abordagem qualitativa e participativa para a translação do conhecimento na área da saúde sexual em populações mais vulneráveis. In A. P. Costa, C. Brandão, J. Ribeiro, F. N. Souza, & D. N. Souza (Eds.), *Atas - Investigação Qualitativa em Saúde* (Vol. 2, pp. 262-269). Porto, PT.
- Freire, P. (2011). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, SP: Paz e terra.
- Freire, P. (2014). *Pedagogia do Oprimido* (58.ª ed.): Paz e Terra.
- Linhares, F. M. P., Pontes, C. M., & Osório, M. M. (2014). Construtos teóricos de Paulo Freire norteando as estratégias de promoção à amamentação. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 14, 433-439. doi:10.1590/S1519-38292014000400013.
- MICHAELIS. (2009). *Dicionário Michaelis UOL Online*. In Vol. 2014. Retrieved from <http://michaelis.uol.com.br/>
- Minayo, M. C. d. S., & Zito Guerriero, I. C. (2014). Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(4), 1103-1112. Retrieved from <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63030543011> doi:10.1590/1413-81232014194.18912013

- Morin, A. (2004). *Pesquisa-ação integral e sistêmica: uma antropopedagogia renovada* (M. Thiollent, Trans.). Rio de Janeiro, RJ: DP&A.
- Olsen, W. (2015). *Coleta de dados: debates e métodos fundamentais em pesquisa social* (D. Bueno, Trans.). Porto Alegre, RS: Penso.
- Singh, A., & Singh, S. (2006). What Is A Good Editorial? *Mens Sana Monographs*, 4(1), 14-17. doi:10.4103/0973-1229.27600
- Streck, D. R. (2016). Metodologias participativas de pesquisa e educação popular: reflexões sobre critérios de qualidade. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 20, 537-547. doi:10.1590/1807-57622015.0443
- Toledo, R. F., & Jacobi, P. R. (2012). *A pesquisa-ação na interface da saúde, educação e ambiente: princípios, desafios e experiências interdisciplinares* (1 ed.). São Paulo, SP: Annablume, FEUSP, PROCAM, IEE, FAPESP.